Conselhos ás mulheres

(Continuação)

AS DOENÇAS NERVOSAS

As doenças nervosas podem entrar, creio, no quadro desses artigos, porque ellas tornam muitas de suas victimas improprias para a vida mundana, para a vida social. E' me permittido fallar nellas, porque sua cura pode ser obtida por um esforço perseverante da vontade e graças a alguns cuidados que se esta authorisado a prescrever sem a assistencia do medico.

Basta muitas vezes um pezar, um acontecimento desastroso, por vezes uma vida contrariada, para desenvolver em algumas naturezas que podem ser exquisitas, alias — uma tal nervosidade que em breve tornam-se pesadas a si mesmas e aos outros: Não sabem mais supportar uma exprobação, uma observação, uma contradicção, uma demora, sem se deixar ir ás lagrymas ou ao arrebatamento. E' certo que essas mulheres... e esses homens são doentes, que é preciso ter para com elles paciencia e doçura, poupar-lhes na medida do possivel todo o motivo de irritabilidade, mas elles tambem devem agir sobre si mesmos.

Desde o começo, quando sentiram pela primeira, segunda, terceira, quarta vez que já não tinham sobre o gesto, a palavra, as sensações, esse dominio que caracterisa o homem rasoavel, deviam reflectir, examinar-se procurar comprehender o que occasionara nelles essa mudança e immediatamente *esforçar-se* com todas as suas forças ainda existentes contra e estado morbido. Não teriam vencido o mal do primeiro golpe, não lhes quero dar essa esperança falsa; mas continuando a velar sobre si mesmo constantemente, attenuariam muito rapidamente e em breve estariam livres, livrando egualmente os outros de supportal-os.

A hygiene moral deve ser sustentada pela hygiene physica. As pessoas nervosas não sabem precisar seus soffrimentos; sentem que não estão mais no estado ordinario de saude e tratam-se então a si proprios ou se fazem tratar por um medico a quem informam muito mal sobre a doença de que estam attacados.

O abalo dos nervos traz uma fraqueza que se quer combater. Ordena-se ou manda-se fazer fortificantes ou coisa que com isso se pareça; o ferro, o quinino, a carne ainda sangrando, o vinho generoso.... que são irritantes, estimulantes, quando seriam precisos calmantes, para pôr em fuga a tristeza e o aborrecimento que são o corollario das doenças nervosas; fatiga-se uma pessoa em viagens, em prazeres, em «distracções» de todo o genero, quando o repouso seria o melhor remedio, principalmente se a elle se juntase o trabalho.

Uma vida unida, desprovida de impressões, de sensações vivas é indispensavel a todos aquelles que foram sacudidos por uma desgraça ou uma dôr. Quando se pode, deve-se ir pedir o socego de que se precisa a grande natureza que emballará o doente, que o fará dormir em seus braços e o envolverá, em sua calma augusta. Uma vida toda vegetativa é o que lhe é necessario durante muito tempo.

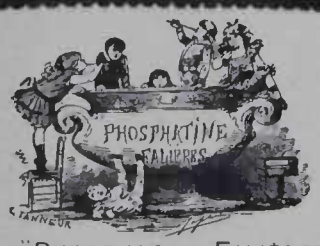
Sendo muito intima a união do corpo e da alma, escolhe-se sua nutrição de tal sorte que não possa excitar nem o sangue, nem os nervos. Pouco ou nada de vinhos, mas ovos, leite, legumes. Os corpos gordurosos ser-lhe-iam favoraveis.

Os exercicios moderados, em pleno ar, são egualmente favoraveis.

Emfim e principalmente seria preciso desviar o pensamento de si mesmo; não se escutar, isto é, não se por o doente a analysar seus soffrimentos physicos e moraes, não lazer carga de males, sejam de que ordem forem. E' ainda indispensavel evitar as discussões inuteis, ociosas, seria bom ver a vida sob seus bellos lados, occupar-se com o proximo, pensar em ser util ou mesmo somente agradavel a outrem; não ha prazer nem mais são, nem mais util. Se cada um quizesse ouvir esse humilde conselho, o mundo mudaria de face; o mal deixaria a terra. E entretanto é facil praticar o bem. Mas se só se contar ingratidões, ainda assim deve-se continuar nessa generosa pratica. Unicamente o bem deve ser feito *com graça* para não fazer ingratos.

BARONE STAFFE.

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. *Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.*
PARIZ, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo do Dr SOULIGOUX de Vichy
Laxante certo, agradavel ao paladar, facil de se tomar
O vidro de cerca de 25 doses: 2 fr. 50
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS

NINON DE LENCLOS
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Ja passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embotava se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, *Rue du 4 Septembre, 34* á PARIS.
Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sob o nome de *VERITABLE EAU DE NINON*, assim como as receitas que o ella provêm, por exemplo, o
DUVET DE NINON
po de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crême de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.
LAIT DE NINON
que da alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:
LA PATE ET LA POJOKE MANODERMALE DE NINON
que fax voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;
SEVE MOURCILIERE
qui augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar
LA PATE ET LA POJOKE MANODERMALE DE NINON
para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.
Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS
MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.
UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do Anti-Bolbos, producto sem igual e muito contrafeito.
CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella e encantar todos os olhos
deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exoticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.
NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanêe-os e branqueie-os com l'*Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella*.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Os Comprimidos de Vichy
preparados com os saes extrahidos das *AGUAS DE VICHY* (Fontes do Estado)
fazem mui economicamente agua gazosa, analoga as aguas naturaes d'essas celebres fontes.
Georges PRUNIER & Cie, 23 Avenue Victoria, Paris
A VAREJO: EM TODAS AS PHARMACIAS.

Reconstituinte geral do Systema nervoso. Neurasthenia.
NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS
Debilidade geral, Anemia, Phosphaturia, Enxaquecas.
Deposito Geral:
CHASSAING & Cie, Paris, 6, Avenue Victoria

LEGRAIN
Rua Saint-Denis, Nº 195-197
PARIZ
Os Colletes Legrain são notaveis por sua elegancia verdadeiramente parisiense, tem uma forma admiravel, nunca são nocivos.

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS
AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Impériale Russe.
EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moika, Muguet, Œillet Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Héliotrope blanc, Fougère Royale, Gloxinia, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.
SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lait de Thridace, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.
PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Uma por outra

(*Conclusão*)

Sim, o casamento apparecia-me como uma necessidade cada vez maior. Tratei de ir preparando as cousas de modo que, uma vez formado, não me demorasse muito. Antes disso, era impossivel que meu pae consentisse. Estella estava por tudo; assim m'o disse em prosa e verso. A prosa era a das nossas noites de conversação, ao canto da janella. O verso foi o de um soneto em que se comparava á folha, que vae para onde o vento a leva; o fecho era este:

Eu sou a folha, tu serás o vento

Ao recordar todas essas cousas, sinto que muitas dellas era melhor que se perdessem; revivel as não paga o esforço, menos ainda a tristeza, a saudade, ou como quer que chamemos a um sentimento que, sem levar a gente a detestar o dia de hoje, traz não sei que remoto sabor do dia de hontem... Não, não deixo o meu cartorio de tabellião do Ceará; na minha edade, e depois da minha vida, é o melhor Parnazo que conheço. As escripturas, se não rimam umas com outras, rimam com as custas, e sempre me dão algum prazer para recordar versos perdidos, de por com outros que são eternos... Fiquemos tabellião.

Iamos passando o tempo, sem grave incidente, quando uma tarde o pae de Estella entrou em casa, annunciando á mulher e a filha que tinha de ir a S. Paulo. Não comprehendi porque razão D. Feliciana empallideceu. Era uma senhora de vida severa e monotona, sem paixões, sem emoções. Depois é que me contaram algo que me explicou tudo. O marido de D. Feliciana tinha agora os negocios complicados, e parece que uma vez falara á mulher em fugir do Rio de Janeiro. Foi o que me disseram uns; outros falavam de amores. Tudo era mentira, mas D. Feliciana creio que teve medo de uma e de outra cousa, se não de ambas, e, com uma doçura incomparavel, murmurou:

— Guimarães, leva-me a S. Paulo!

Guimarães recusou; mas a esposa insistiu, allegando que tinha immensa vontade de ver S. Paulo. Como o marido continuasse a negar, dizendo-lhe que ia a negocios e não podia carregar familia, alem de ser um desarranjo, a mulher trocou de maneiras, e pôe nos olhos tal expressão de desconfiança que o fez recuar.

— Vamos todos, Guimarães; haveimos de ir todos a S. Paulo.

— Sim, podiamos ir... mas é que... por tão pouco tempo... cinco ou seis semanas, dous mezes... Valerá a pena, Feliciana? Mas, vamos, se queres; os vapores são pouco commodos.

Olhei para Estella, pedindo-lhe com o gesto que interviesse contra o desejo da mãe. Estella empallidecera e perdera a voz; foi o que me pareceu, mas a prova do contrario é que, passados alguns instantes, como ouvisse ao pae dizer que sim, que iriam a S. Paulo, suspirou esta palavra cheia de resignação e melancolia:

— Outra vez o mar! Um dia ir-me-hei ao fundo, procurar a perola da morte!

— Dias de poesia, menina! ralhou a mãe. O mar até faz bem ás pessoas.

As nossas despedidas foram o que são despedidas de namorados, ainda por ausencias curtas de um ou dous mezes. Na vespera da minha partida tivemos inspiração egual, compôr uns versos em que chorassemos a dôr da separação e rissemos a alegria da volta. Ainda desta vez os versos della eram melhores; mas, ou a tristeza ou outra cousa fez-lhe crer o contrario, e gastamos alguns minutos em provar, eu a superioridade dos della, ella a dos meus. Não menos namorado que poeta, murmurei finalmente:

— Quaesquer que sejam elles, os melhores versos são as tuas lagrimas.

Estella não chorava; esta minha palavra fel-a chorar. Mordeu o beiço, levou o lenço aos olhos, e disse com um tom unico, um tom que nunca mais esqueci:

— Já sei! é que os meus versos não prestam para nada, são proprios para o fogo; nem arte nem inspiração, nada, nada!

— Que dizes, Estella?

— Basta: comprehendo. O senhor nunca me teve amor.

— Meu anjo!

— Nunca!

Não pude pegar-lhe na mão; corrêra á janella. Como eu alli fosse tambem, entrou novamente. Só depois de grande resistencia consentiu em ouvir gabar-lhe os versos e explicar a preferencia dada ás lagrimas; era por serem della. As lagrimas, disse-lhe eu, eram os proprios versos della mudados em perolas finas.. Estella engoliu um sorriso vago enxugou os olhos e releu para si os versos, depois alto, depois quiz que eu os relesse tambem, e novamente os releu, até que o pae veiu ter comnosco.

— Doutor, disse-me elle, e se fosse tambem comnosco?

— A S. Paulo?

— Sim.

— Iria, se pudesse. Já pensei nisso, mas os exames do fim do anno...

— Tambem são apenas dous mezes, ou menos

Embarcaram para Santos. Fui despedi-me a bordo, e ao voltar para o meu sotão, comecei logo a escrever a primeira carta; no dia seguinte, remetti-a. Tres dias depois tive a primeira carta de Estella, uma breve e triste carta em que falava mais do mar que de mim, mais de si que do mar, e mais da poesia que de nenhum dos tres. «A musa é a consolação final de tudo.» Comprehendi que assim fosse, teria mostrado a carta á mãe, e não conviria escrever intimidades. Cuidei de ser mais discreto que na primeira. Assim se passaram as primeiras semanas. No fim das seis ainda me falava em vir, mas não veiu. Passadas dous mezes, contei-lhe as minhas saudades. Não me respondeu; escrevi-lhe outra; recebi um bilhete em que me contava um baile do presidente da provincia, descripção longa e amorosa, as valsas, as quadrilhas, e no fim uns versos que compoz na seguinte manhã, com o pedido de os fazer imprimir em alguma folha, «é um pequeno juizo»

— Não me ama! bradei desesperado. Nunca esta creatura gostou de mim! Nem uma palavra de consolação ou de explicação! Bailes? Que são bailes?

E fui por ahi adiante, com tal desvario, que falava ás paredes, aos ares, e falaria ao diabo, se alli me apparecesse; ao menos, este seria pessoa viva. As paredes ficaram surdas; os ares apenas repercutiram as minhas vozes. Entretanto, copiei os versos, puzlhes algumas palavras de louvor, e levei-os ao *Correio Mercantil*, onde um amigo me fez o favor de os publicar na parte editorial. Foi um dos elementos da minha desgraça.

Os versos entraram por S. Paulo, com os elogios do *Correio Mercantil*. Todos os leram, as pessoas das relações de Estella ficaram admirando esta moça que merecia tanto da imprensa da Corte. Era um grande talento, um genio; um dos poetas da Faculdade de Direito chamou-lhe Sapho. E ella subiu ás nuvens, talvez acima.

Escasseando as cartas, resolvi ir a S. Paulo; mas então o pae escreveu-me dizendo que iam a Sorocaba e outros logares, e só dahi a dous ou tres mezes poderiam estar de volta. Estella escreveu-me um bilhetinho de tres linhas, com um soneto, para o *Correio Mercantil*. Posto me não falasse em juizo algum da folha, e o meu desejo fosse estrangulal-a, não deixei de escrever quatro palavras de «louvor ao grande talento da nossa illustre patricia». Agradeceu-me com um bilhetinho, fiquei sem mais cartas. Onde estariam? Na casa commercial do pae é que me iam informando do itinerario da familia, pelas cartas que recebiam delle.

Um dia annunciaram-me alli que o Guimarães vinha á Côrte, mas só.

— Só!

— E' o que elle diz.

— Mas a familia.. ?

— A familia parece que fica.

Veiu só. Corri a vel-o, recebeu-me com polidez, mas frio e triste, vexado, penalisado. Não me disse nada nos primeiros dias, mas uma noticia grave e um acontecimento certo e proximo não são cousas que se guardem por muito tempo: Estella ia casar. Casava em Sorocaba...

Não ouvi o resto. A noite, o mar, as ruas e que ouviram as minhas imprecações e lamentações, não sei quanto tempo. Assim pois, uma por outra, vim trocando as mulheres possiveis e perdendo-as successivamente. Aquella com que afinal me casei é que não substituiu nenhuma Sylvia, Margarida ou Estella; é uma senhora do Crato, meiga e amiga, robusta apezar de magra, e mãe de dous filhos que vou mandar para o Recife, um dia destes.

FIM

MACHADO DE ASSIS.

Quem tem rasão?

AO MEU AMIGO ALEX. LAVIGNASSE FO.

— Pedes um beijo — dout'o presurosa;
Um abraço — a teu peito uno meu seio;
Si entristeces — de maguas mil anceio;
Si sorris — ninguem ha mais ventorosa;

Si queres solidão — silenciosa
Queda-me ao pé de ti. Si tens receio
Que o o mundo offenda assim — canto e volteio
Mostro-me jovial, gentil, ruidosa!

Si toda tua sou, meu bem querido,
Si em teu desejo meu desejo enlaço
Que achas tu de mais terno e mais querido?

— Ha um outro bem que tem de Amor o traço!
Tem maior preço um beijo não pedido;
Ha mais valor n'um expontaneo abraço!

Niteroy: 1897.

A. AZAMOR.

A purificação

Pela manhã, não com a aurora, mais quando o sol já está no horizonte, na hora mesmo em que se abrem as folhas do coqueiro, sobre os ramos dessa arvore, empolgados, aos quarenta e aos cincoenta, os urubus (pequenos abutres) abrem seus bellos olhos de rubis. O labor do dia os reclama. Na preguiçosa Africa, em aldeias negras os chamam; na somnolenta America, ao sul do Panamá ou Caracos, elles devem, purificadores rapidos, varrer, limpar a cidade, antes que o Hespanhol se levante, antes que o poderoso sol ponha em fermentação os cadaveres e as podridões.

Se elles faltassem um só dia, o lugar ficaria deserto.

Quando é noite para a America, quando o urubu, feito o seu dia, volta ao seu coqueiro, os minaretes d'Asia embranquecem com os raios da Aurora.

De seus balcões, não menos exactos que seus irmãos americanos, abutres, grallhas, cegonhas, ibis, partem para seus diversos trabalhos: uns vão aos campos destruir os insectos e as serpentes, outros abatem-se nas ruas de Alexandria ou do Cairo, fazem ás pressas seu serviço de expurgação municipal. Se elles tivessem ferias, por menores que fossem, a peste seria em pouco tempo o unico habitante do paiz.

Assim em ambos os hemispherios desenvolve-se a grande tarefa da salubridade publica com uma regularidade maravilhosa e solemne. Se o sol é exacto em vir fecundar a vida, essas purificações patentes da natureza não são menos exactos em subtrahir a seus olhares o espectaculo chocante da morte.

Parecem não ignorar a importancia de suas funcções. Approximae-vos; elles não fogem. Quando seus irmãos os corvos, que muitas vezes caminham diante delles e lhes designam a preza abate-se sobre a terra, vindo não se sabe donde, uma novem de abutres

Solitarios por natureza, e sem communicação, silenciosos, na maior parte, atiram-se ás centenas, ao banquete; nada os incommoda. Nenhum debate entre elles; nenhuma attenção a quem passa. Imperturbaveis, desempenham as suas funcções com uma gravidade aspera: tudo decentemente, limpamente. O cadaver desapparece, fica a pelle. Em um instante uma massa terrivel de fermentação putrida de que ninguem ousaria se approximar, volta a corrente pura e salubre da vida universal.

Cousa extranha! Quanto mais elles nos servem, tanto mais os odiamos. Nós não queremos tomal os pelo que elles são, em seu verdadeiro papel: cadinhos bemfasejos, vivos e inflammados por onde a natureza faz passar tudo quanto póde prejudicar a vida superior.

Ella deu-lhes nesse proposito um apparelho admiravel que recebe, destroe, transforma, sem se cançar nem mesmo se satisfazer. Comem um hippopotamo e ficam com fome; devoram um elephante, o mesmo. Aos abutres do mar uma baleia apenas parece um bocado rasoavel. Elles a dissecam e fazem-na desapparecer melhor que os melhores baleeiros. Emquanto ha que comer, elles comem; dae-lhes um tiro, pouco importa, voltárão intrepidos debaixo da fumaça. Levaillant matou um que mesmo ferido de morte, arrancou ainda pedaços de carne da preza. Nada fará um abutre deixar o corpo de um hippopotamo, por exemplo. Estará accaso em jejum? E' impossivel; abri-lhe o estomago e lá encontrareis seis libras de alimento pelo menos; no estomago. Gluttoneria authomatica, mais do que ferocidade. Se seu aspecto é triste e sombrio, a natureza deu-lhes ornatos delicados e femininos, a fina pennugem branca do pescoço.

Deante delle, vós vos sentis em presença dos ministros da morte, mas da morte pacifica, natural e não do assassinato da violencia.

Elles são, como os elementos, serios, graves, inaccusaveis, no fundo innocentes, seres bons.. Com essa força de vida que toma, domina, absorve tudo, deixam se ficar, mais do que ser algum, submettidos ás influencias geraes, dominados pela athmosphera e pela temperatura, essencialmente hygrometricos, verdadeiros barometros vivos.

A humidade da manhã ainda mais pesada torna as suas azas; a mais fraca preza; a essa hora, passa impunemente, diante delles. Tal é sua obediencia a natureza exterior, que os da America, empoleirados em filas nas palhas do coqueiro seguem, já o dissemos, á risca a hora em que as folhas se deitam, adormecendo muito antes da noite e levantando-se quando o sol, já alto no horisonte, reabre com as folhas da arvore suas brancas e pesadas palpebras.

Esses admiraveis agentes da bemfaseja chimica que conserva e equilibra a vida no mundo trabalham para nós em milhares de lugares em que nunca penetramos.

Nota-se bem sua presença, seu serviço nas cidades, mas ninguem pode medir seus beneficios em desertos donde os ventos sopram a morte.

Na insondavel floresta, nos profundos pantanos, sob a impura sombradas annes resinosas onde fermentam batidos e rebatidos pelo mar, os cadaveres dos dous mundos, o grande exercito purificador abrevia o trabalho das ondas e dos insectos. Desgraçado o mundo ficaria, se seu trabalho mysterioso, desconhecido, cessasse por um instante.

MICHELET.

Historia de negros

Os arabes, posto que não os maltratem, teem um profundo desprezo pelos negros, que elles julgam que não são da mesma essencia que os brancos; pensam que são de uma natureza inferior. Julgam tambem, como consequencia de sua natureza inferior que elles são menos intelligentes que os brancos e que não lhes é possivel, apezar de seu trabalho e de sua applicação, erguerem-se ao mesmo grau de intelligencia ou de habilidade. Antes da conquista, os negros eram escravos; hoje ainda, no Sul e no Sahara onde o dominio estrangeiro ainda não se manifestou de um modo definitivo a escravidão existe e se attinge os negros. Um branco nunca é escravo. E' nessas ideas representando os negros como seres intermediarios entre os animaes e nós que se deve procurar a origem do desprezo que os Arabes experimentam a respeito dos mesmos e dos gracejos innumeraveis que correm mundo por sua conta. Eis aqui alguns:

Um dia, um grupo de nove negros reuniu-se, depois do trabalho para tomar alguma refeição. No momento de fazer a divisão da comida, um delles querendo certificar-se de que eram realmente nove, faz a conta, esquecendo-se de si proprio e só acha oito pessoas.

Admira-se e diz aos outros. O seguinte conta igualmente e, como o primeiro, não contando comsigo,

encontra oito. Um terceiro faz a conta; não dá pelo erro commettido pelos dous primeiros e esquece-se egualmente de incluir-se no total; só vê oito pessoas.

Cada um por sua vez faz a contagem, sempre com identico resultado. Admiração, lamentações geraes.

— No entretanto eramos mesmo nove e agora só somos oito. Que será feito do nono?

Inquietos e desolados, elles sahem em busca de um adivinho celebre e lhe submettem o embaraço em que se acham, pedindo-lhe que lhe dê explicação a respeito de seu camarada

O adivinho (um branco) facilmente descobre o erro.

— Eis aqui, diz elle, o que convém fazer. Tomem um grande buxo de vacca; chegue-o cada um ao nariz, mas com força, de modo que fique um buraco; contem em seguida os buracos.

Obedeceram e contaram nove furos.

Uma outra vez fizera frio de modo tal que um certo numero de negros ficou, como que gelado. Tinham feito um grande fogo e, sentaram-se em volta para se esquentar.

Mas o frio era tanto que os desgraçados se apertavam, uns contra os outros, entrelaçando as pernas de modo tal que, quando quizeram se levantar para dormir, diziam todos que não podiam sahir de onde estavam pela impossibilidade de reconhecerem as proprias pernas.

Todas as objurgatorias foram sem o minimo resultado, elles não poderiam se levantar, por não saber onde tinham as pernas.

Recorreu-se então ao famoso advinho. Este chegou e, posto ao corrente do negocio, tomou um bastão e bateu nos negros, a torno e a direito. Todos logo se ergueram e deitaram a correr, porque tinham novamente encontrado as pernas.

Esse mesmo adivinho tirou ainda de embaraços toda uma tribu de negros em um negocio importante. Celebrava-se uma grande festa e, segundo a tradicção, devia-se depois de ter passeado, com certa ceremonia uma moça sobre um asno em volta da aldeia, reconduzil-a para a habitação paterna.

Quando se chegou, terminada a cerimonia, diante da porta da casa, acharam-se todos em extrema difficuldade; a porta era muito pequena para dar entrada à moça montada no asno.

Que fazer? Cortar a cabeça da moça? Cortar as pernas do asno?

Essas soluções eram inadmissiveis.

Foi-se procurar o adivinho que disse simplesmente a moça que se baixasse para entrar.

Conta-se tambem que seis negros cahiram no fundo de um poço de um modo bem tolo. Viajavam no Sahara e estavam com muita sede, quando encontraram um poço.

Um delles propoz-se a descer até a agua, suspendendo-se uns aos outros, segurando-se o primeiro a beira, fortemente, com ambas as mãos; o que estivesse em baixo passaria agua aos que estavam superiores por meio de um pequeno vaso. Era necessario essa operação, porque o poço era profundo e não havia uma corda.

Feita e acceita a combinação, foi logo posta em pratica. Mas eis que apenas estavam elles assim suspensos, o primeiro lembrou-se de que se esquecera, pela manhã, quando fazia suas orações de cruzar duas vezes as mãos sobre a cabeça; quer em uma occasião tão favoravel reparar o esquecimento e provar assim o seu reconhecimento a Deus; previne a seus camaradas e diz-lhe que esperem um instante, e solta a beira do poço e... toda a gente cahe dentro d'agua.

Quanto aos negros, eis como elles, mesmo contam a differença de côr que existe entre os homens.

Antes, o mundo inteiro era preto; todos foram pretos até Noé, que por sua vez era escuro bem carregado. Tinha, como se sabe, tres filhos negros como elle. Sentindo-se morrer, chamou a todos e lhes disse:

— No momento de deixar-vos para sempre, vou communicar-vos um grande segredo. Descobri uma fonte que tem a virtude de tornar brancos como um cysne aquelles que nella se banham.

Indicou-lhes onde estava a fonte e morreu. Seus irmãos correram logo para o lugar em que estava a fonte, com o proposito de nella se mergulhar. Japhet que corria melhor, chegou primeiro e atirou-se n'agua.

Houve agua bastante para fezel-o branco. Sem o seguir; quando chegou só havia na fonte lama; esfregou-se nella e ficou de uma côr duvidosa.

Quanto a Cham, o mais pesado, já não havia quasi nada, quando elle chegou; em sua dor atirou-se por terra, mesmo na fonte e seus labios tocaram o fundo.

A planta de suas mãos, de seus pés e os labios tornaram-se brancos; são as unicas partes do corpo que os negros teem um pouco claras.

Chromo

Passa orgulhosa a loira viscondessa
Olhar altivo o porte deslumbrante
Leva no lenço aroma trescalante
E uma papoula rubra na cabeça.

No landau rico a caminhar depressa
Ella se ostenta bella e triumphante
Velam-lhe o corpo farto e elegante
Vestes de gase côr de rosa e espessa.

Chega ao palacio. Entra fatigada
E respeitosa a porta da entrada
A criadita curva se a fidalga

A viscondessa fica amargurada
Ouvindo a serva proferir curvada
Morreu agora a cachorrinha galga.

NOBREGA JUNIOR.

O dia em que nasci.

> Vinte e tres annos só! Quanta amargura quanta dor, quanto horrivel desalento tenho soffrido n'esta vida escura tenho passado n'um atroz tormento!
>
> (Dezembro de 1896) Theotonio d'Oliveira.

Trevas e sangue. Os olhos ergo ao Alto,
e tinge o Céo a rubra côr do sangue
Baixo os olhos á Terra, e é negro o asphalto
em que pizo, e o que pizo é um podre Mangue.

Os outros Dias são de varias côres:
dias brancos, azues e côr de rosa...
São de Prazer os dias, e de Amores,
em que se ala minh'Alma radiosa.

Este, porem, é negro: é sempre negro
— dia todo de lucto e de tristeza —
Nunca nelle me rio! não me alegro!
e triste vejo toda a Natureza.

Cessam aves os cantos. Emmudece
a Terra. A doce briza não cicia —
Ha em tudo um rumor de choro prece,
como se fosse sempre Ave — Maria!

Porque essa solidão? esse terrivel
silencio sepulchral, frio e profundo!?...
... Ah! que maldito seja o dia horrivel!
O dia lugubre em que vim ao Mundo!...

(Dezembro de 1897.)

THEOTONIO DE OLIVEIRA.

MOSAICO

Vida triste, triste vida,
Se alegre estou, que tristeza!
Quem sorri, logo em seguida
Ha de chorar com certeza!

O. S.

★

Se triste estou, estou bem
Estou, como devo estar
Porque se ri-se hoje alguem
Amanhã ha de chorar.

O. S.

★

Em cada trinta maridos
Ha quatorze indifferentes,
Dous dementes
(oito ciumentos! coitados!)
Com mais seis divorciados
e todos arrependidos.

★

Pode haver occasiões em que o silencio seja ouro e o fallar seja prata; mas acontece que em certas occasiões o silencio é a morte e o fallar é a vida.

O combate

OS TROPICOS

Uma senhora de nossos parentes, que vivia na Luziania, dava de mamar ao seu bebê. Todas as noites seu somno era perturbado pela sensação extranha de um objecto frio e escorregadio que parecia tirar leite de seu seio. Uma vez, mesma impressão; ella porem estava desperta; levanta-se; chama, trazem luz, procuram, revolvem o leito, encontra-se a horrivel cria, uma serpente bem alentada e de perigosa especie. O horror que ella experimentou fez immediatamente seccar o leite.

Levaillant conta que no Cabo, em um circulo, no meio de uma conversação socegada, a dona da casa empallidece e deixa escapar um grito medonho. Uma serpente subia-lhe pelas pernas, uma d'essas serpentes cuja mordedura faz morrer em dois minutos.

A muito custo foi morto o reptil.

Nas Indias, um de nossos soldados, retomando seu *havre-sac* que tinha posto a um canto, encontrou por detraz a perigosa serpente negra, a mais venenosa de todas. Um bom indiano se interpõe, obtem o perdão, toma a serpente. Picado, morre immediatamente.

Taes são os terrores da natureza n'esses climas formidaveis. Mas os reptis, raros hoje, já não são o grande flagello. O de todos os instantes, de todos os lugares, é o insecto. Está em toda a parte, está em tudo; tem todos os meios de vir até vós; caminha, nada, rasteja, vôa; está no ar, vós o respirais. Recentemente, em um de nossos portos, um empregado de archivos abre uma caixa de papelão das colonias trazida, havia muito tempo. Sahe uma mosca furiosa; persegue-o e morde-o; em dois dias elle era cadaver.

Os mais endurecidos dos homens, os sertanejos e os flibusteiros diziam que, de todos os perigos e de todas as dores, o que elles mais temiam eram as picadas de insectos.

Intangiveis e muitas vezes invisiveis, são a propria destruição sob forma ineluctavel. Que lhes oppor, quando elles vêm em guerra e em legiões?

Uma vez, em Barbada, observou-se um immenso exercito de grandes formigas que, levadas por causas desconhecidas, avançavam em columna cerrada, no mesmo sentido, contra as habitações. Tentar matal-os seria um trabalho perdido. Nenhum meio de detel-os. Imaginou-se felizmente fazer, no caminho d'ellas, filetes de polvora a que se lançava fogo. Esses volcões aterravam n'as e a torrente, pouco a pouco voltou-se de lado.

Nenhum arsenal da edade média, com todas as armas extranhas de que então se serviam: nenhuma loja de cutileiro ou de cirurgia com os milhares de instrumentos terriveis da arte moderna, póde se comparar com as monstruosas armaduras dos insectos dos tropicos, com as pinças, com as tenazes, com os dentes, com as serras, com as trombas, com todos os utensis de combate, de morte e de dissecção de que elles estão armados em guerra, com que trabalham, furam, cortam, despedaçam, dividem finamente, com tanta destreza e habilidade quanto rudeza furiosa.

Os maiores trabalhos nada teem que esteja acima das forças d'essas terriveis legiões. Dai-lhes um vaso, que digo eu? uma cidade para devorarem: ellas se encarregarão d'isso com prazer. Sob Valença, perto de Caracas, elles cavaram abysmos e catacumbas. Alguns individuos d'essas tribus devoradoras, desgraçadamente fóram para Rochelle, puzeram-se a comer a cidade e já mais de um edificio vacila sobre vigamentos que apenas teem a apparencia e cujo interior está roido.

Que faria um homem entregue aos insectos? Nem é bom fallar n'isso. Um desgraçado, que estava bebedo, cahio perto de um animal morto e corrupto. Os insectos que despedaçavam o morto, não distinguiram o vivo, tomaram posse d'elle, entraram por todas as portas e encheram todas as cavidades naturaes. Não houve meio de salval-o. Elle expirou no meio de soffrimentos horriveis.

Nessas regiões ardentes, em que a decomposição rapida torna perigoso todo o cadaver, em que toda a morte ameaça a vida, ao infinito se multiplicam esses acceleradores do desapparecimento dos seres. Um corpo, apenas toca a terra, já está assaltado, atacado, desorganisado, dissecado. Ficam apenas os ossos. A natureza posta em perigo por sua propria fecundidade, chama-os, excita-os, pica-os pelo calor, pela irritação de um mundo de especiarias e de substancias asperas. Ella faz delles, furiosos caçadores, insaciaveis glutões. O tigre e o leão são seres doces, moderados, sombrios, em comparação com o abutre; mas que é o abutre diante de tal insecto que chega, em vinte e quatro horas, a comer tres vezes o seu peso?

A Grecia tinha visto a natureza sob a nobre e fria imagem de Cybele puxada por leões. A India viu seu deus Syva, deus da vida e da morte, que sem cessar, pisca o olho, nunca olha fixamente, porque um só de seus olhares reduziria todos os mundos a pó. Fracas imaginações dos homens em presença da realidade! Suas ficções, que valem ellas diante da ardente fornalha onde, por atomo ou por segundo, a vida morre, nasce, flammeja, scintilla?.. Quem poderá sustentar a terrivel scentelha sem vertigens e sem terror?

Demasiado justa e demasiado legitima a hesitação do viajante á entrada das terriveis florestas em que a natureza tropical, sob formas muitas vezes encantadoras, faz o seu mais aspero combate. Ha logar para se hesitar, quando se sabe que se considera como a melhor defeza das fortalezas hespanholas um simples cactus que, plantado em volta, em breve fica cheio de serpentes. Sente-se frequentemente nesses logares um forte odor de musgo, um cheiro doentio, cheiro sinistro. Esse cheiro avisa-nos de que caminhamos por um terreno que não é senão a poeira dos mortos; ruinas de animaes que exalam esse odor, de tigres, crocodilos, abutres, viboras e cascaveis

O perigo não é maior talvez nessas florestas virgens em que tudo nos falla de vida, em que fermenta eternamente o cadinho da natureza.

Lá e cá, suas trevas vivas tornam-se espessas sob uma triplice abobada, por arvores gigantescas, por entrelaçamentos de cipós e por hervas de trinta pés de largo e soberbas folhas. Por sitio essas hervas mergulham no velho humus primitivo, emquanto a cem pés mais alto, por cima da grande noite flores altivas e poderosas miram-se no ardente sol.

Nas clareiras, nas estreitas passagens por onde penetram seus raios, é uma scintillação, um borborinho eterno, escaravelhos, borboletas, passaros-mosca, colibris, pedrarias animadas e moveis, que se agitam sem repouso. A' noite a scena é mais admiravel! Começa a illuminação feerica das moscas luzentes que, por milhares de milhões, fazem arabescos fantasticos, fantasias terriveis de luz, esgares de fogo.

Com todo esse esplendor, nas partes baixas arrasta-se um povo obscuro, um mundo de caimães, de serpentes d'agua. Nos troncos das arvores enormes as fantasticas orchideas, filhas amadas da febre, productos do ar corrompido, bizarras borboletas vegetaes suspendem-se e parecem voar. Nessas solidões assassinas, ellas se deleitam e se banham em miasmas putridos, bebem a morte que faz sua vida e traduzem, pelo capricho de suas cores exquisitas, a embriaguez da natureza.

Metamorphose

Era-me a vida um sonho doloroso;
Indifferente a tudo quanto existe,
Não conhecia a sensação de um goso
Na desventura da existencia triste.

Olhava tudo vagamente; e, emquanto
O mundo inteiro, placido, sorria,
Eu tinha o olhar turvado pelo pranto
E calculava então que não vivia.

— Por que sorriem? por que tanta ventura?
Onde o confort d'esses corações? —
E eu caminhava entre uma noite escura
Cheia de horrores e de imprecações.

Mas um dia, no meio d'essa triste
Escuridão por onde eu caminhava,
Como uma estranha apparição surgiste
N'uma aureola de luz que deslumbrava!

Vinhas trazendo a aurora n'um sorriso,
Pois dissipaste a noite de minh'alma
E me apontaste um novo paraiso
Onde se frue uma existencia calma!

Inundaste de luz minh'alma, encheste
Meu coração de amor e de alegria!
Vivo agora, depois que appareceste
Uma existencia que desconhecia!

Fallas, e eu sinto uma alegria estranha!
Ris-te, e ao teu riso eu encho-me de espanto!
E tens no olhar uma expressão tamanha
Que eu tenho medo até de amar-te tanto!

Quero-te muito e sei que tu me queres;
Treme de goso toda a vez que dizes
Que és a mais venturosa das mulheres
E que eu serei feliz entre os felizes.

E é pequeno de mais agora o mundo
Para conter as nossas affeições;
Occultemos o nosso amor profundo
Dentro dos nossos proprios corações!

E os soffrimentos de uma vez acabe-os,
Já que me arrancas á existencia louca,
Essa que tem coraes presos dos labios,
E um punhado de perolas na bocca!

CESAR MONTEIRO

Maio de 1897.

Na despedida

Quando ella partio, quando distante
A vi, o lenço branco me acenando,
Como a garça que célere voando
Rutla as azas no vôo a cada instante;

A dor d'um bem amado se ausentando,
Senti no coração, quasi arquejante,
Quando ella partio, quando distante
A vi, o lenço branco me acenando.

E partio o baixel, velas ao vento,
E indomito era o mar, rude a procella,
Confusa como o mar — meu pensamento...

Meu Deus! foi-se-me a luz, a minha estrella...
Faze que seja curto o meu tormento!
O'mar, que m'a roubaste, eu quero vel-a!

Maranhão 1897. AGOSTINHO PEREIRA REIS.

(Das *Manhães*)

CHRONIQUETA

8 de Dezembro de 1897.

A nomeação do Dr. Ubaldino do Amaral para o espinhoso cargo de prefeito, nomeação immediatamente approvada pelo Senado, foi bem recebida por toda a população fluminense.

O novo prefeito é um desses homens que inspiram confiança: ha tudo que esperar da sua intelligencia, da sua actividade, do seu caracter e da vantagem de não ser sua ex. um politico partidario, cheio de compromissos funestos

O estado em que se acham os cofres municipaes é, em que pese ao famoso emprestimo de 25.000 contos, desanimador e terrivel; a cidade reclama aqui, ali e acolá os mais urgentes reparos, e limpeza, muita limpeza, tão necessaria nesta cidade em que a epidemia nos bate á porta; as posturas municipaes não são respeitadas, e por toda parte se notam a inercia e o desmazello das autoridades subalternas. Em taes condições, é bem de ver que toda a energia é necessaria por parte do patriota eminente a quem está confiado o poder executivo municipal e que tanta confiança inspira aos seus concidadãos.

*

E' um caso doloroso, com que não quero entristecer a chroniqueta, aquella historia do Hospicio de Alienados, onde, pelos modos, se acha encerrada uma senhora no pleno uso das suas faculdades mentaes, victima da sua propria familia, que a fez entrar e a abandonou naquelle estabelecimento, onde a tratam como indigente.

Essa questão, levantada com muita hombridade pelos meus collegas da *Notícia*, ainda não está resolvida; portanto, não quero ser indiscreto... Mas se realmente no Hospicio de Alienados se conservata, como se foram dodos, individuos que se acham no seu juizo, e isto para servir abominaveis interesses de familia, é caso de perguntar: — Que mais nos resta ver?...

*

Sylvio Romero, o reputado critico brasileiro, publicou um livro de tresentas e tantas paginas com este titulo: *Machado de Assis*, e este sub-titulo: *Estudo comparativo de litteratura brasileira*.

Sem desconhecer que Machado de Assis é um dos chefes da nossa intellectualidade, o autor da *Historia da litteratura brasileira* pretende apeal-o da eminencia onde o collocou a « admiração incondicional » do que elle chama o nosso « beaterio litterario ».

Trabalho baldado. Façam as comparações que quizerem: o glorioso auctor das *Memorias posthumas do Braz Cubas* e, por emquanto, o primeiro homem de lettras que o Brazil tem produzido.

E folgo de expender essa opinião sincera e formal no periodico tantas vezes honrado pela sua penna illustre, nas mesmas columnas onde pela primeira vez appareceram alguns dos seus incomparaveis contos, e essa obra-prima *Quincas Borba*, que é a continuação e o complemento das *Memorias posthumas*.

Sylvio Romero é um grande talento, não ha duvida, mas não me parece que se saia bem dessa tarefa de iconoclasta.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

10 de Dezembro de 1897.

O popular actor Machado organisou para o theatro Variedades uma companhia que ali se estreiou com o *Serralho de Nabor*, opereta em 3 actos, de Eduardo Victorino, Demetrio de Toledo e Orlando Teixeira, musica de diversos compositores.

E' uma peça que infelizmente não posso recommendar ás minhas leitoras, é tão mal feita, que não parece obra de tres auctores; em todo caso, revela certa habilidade que esperam s ver algum dia bem aproveitada.

Ha neste *Serralho* tanta coisa suja, que os auctores se julgaram na obrigação de terminar a obra por uma especie de apothese ao aceio: por um banho...

O desempenho dos papeis nada tem de notavel, vem mesmo por parte de Mme. Rose Meryss, que suspendeu os effeitos da sua aposentação theatral e reappareceu no *Serralho de Nabor*; entretanto, mencionemos o actor emprezario, e os actores Leite e Zepherino.

*

A companhia do Apollo, que está de viagem para S. Paulo, fez *reprise* do *Bico do papagaio*, e a do Recreio continua a representar a *Corôa de fogo*, que não é precisamente uma corôa de gloria.

*

Magnificas as duas reprezentações de *Mireille*, no theatro Lyrico, por amadores, em beneficio do Sagrado Coração de Jesus.

A bella opera de Gounod foi bem executada, principalmente por parte da Exma Sra. D. Elvira Goudin, que se encarregou do papel da protogonista e lhe deu grande relevo artistico. Um bravo a Luiz de Castro, a cujos esforços devemos as reprezentações de *Philemon et Baucis* e *Mireille*.

*

Duas revistas em ensaios: no Variedades o *Diabo a quatro*, de Vicente Reis e Demetrio de Toledo, e no Recreio, como já dissemos, o *pagnuço*, do nosso collega Arthur Azevedo.

*

Os nossos actores dirigiram-se ao presidente da Republica, pedindo a sua intervenção contra o jogo dos tombões e velodromos que, dizem elles, é a causa que mais influe para afastar o publico dos theatros. O Sr Dr. Prudente de Moraes acolheu-os com benevolencia, e prometteu estender sobre elles a sua aza protectora.

Não ha duvida que a jogatina, escandalosamente permittida naquelles estabelecimentos, entra por muito na ruina da industria theatral, mas não ha duvida tambem que os nossos emprezarios nem sempre são felizes na escolha das peças que se exhibem, e os nossos artistas nem sempre capricham em represental-as bem. Estamos convencidos de que, em havendo nos theatros alguma coisa que attraia o publico, elles não ficarão ás moscas.

X. Y. Z.

Contemplação

« Divisas duas estrellinhas tão bonitas,
Tão sosinhas lá no alto fulgurando?
São dous anjos, que passeiam murmurando
Os ternos sons das orchestras infinitas.

Vejo-as bem, Deusa minha, espadanando
Nos espaços, branca luz em longas fitas:
Contemplando-as, absorta, tu meditas
E eu em ti, só em ti fico pensando.

« Sim, querido, não as achas tão ditosas;
Tão fagueiras percorrendo o firmamento;
Umidinhas, como nós e tão formosas? »

Sim, e vendo-as juntas, lembro o momento
Em que sellei, nas campinas perfumosas,
Com um beijo, meu supremo juramento!

PYGMALIÃO PRIMO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Publicamos no presente numero as explicações das gravuras do anterior que são todas muito interessantes; assim como a do numero presente que como vêem nossas leitoras é uma gravura que representa o *save vieni*, um verdadeiro merito artistico.

Espartilhos de Mmes de VERTUS SŒURS
Forma modificada para as
Modas de Pariz, 1895
Sobre tudo evitar as Contrefacções
Exigir a medalha de garantia.

Vieux Saxe

Vieux Saxe! Que plenitude de reminiscencias historicas nos vem desta denominação! Uma epoca completa de poesia de *boudoir* frivola e agradavel, de aventuras amorosas e de leviandade imperdoavel — um mundo que o vento tormentoso da revolução franceza varreo, e que com profundo fim tragico talvez se arrependeu por demais rudemente daquillo que commetteu na ingenua paixão do gozo. O marmore e o bronze eternisam os feitos e os heroes da historia, e a propria porcellana que resiste ao dente implacavel do tempo, serão de monumento perdurador aos gostos, á moda, aos costumes caseiros e sociaes.

Em fins do 17º seculo começou a predilecção pela porcellana nas côrtes europêas. Os potentados que viviam macaqueando os costumes de Versailles, começaram a fazer collecções preciosas especialmente o rei Augusto II da Saxonia que mais tarde foi rei da Polonia. Este, com verdadeira paixão, as porcellanas chinezas, japonezas, indicas e persicas. Eis que em 1707 o ex-aprendiz boticario que promettera a Augusto o Forte fazer ouro e que por isso havia sido preso até que realizasse a sua promessa, conseguio descobrir uma massa vermelha-pardacenta que excedeu em muito a todas as tentativas de imitar a porcellana. O rei vio nisto uma outra fonte de fazer ouro e por um decreto concedeu ao alchimista Boettger a licença para fundar uma fabrica de porcellana. O Saxe primitivo tinha a côr avermelhada. Quando polida, a porcellana apresenta as mais variadas nuanças desde o pardo mais escuro até o amarello-ouro. O acaso permaneceu fiel a Boettger. Em 1711 elle descobrio no seu pó para cabellos, o kaolin, a verdadeira terra branca da porcellana e pouco tempo depois já appareciam no mercado objectos de arte de porcellana branca. Para a pintura empregava-se o azul, debaixo de esmalte. As marcas da fábrica a principio eram feitas á imitação das marcas chinezas e todas ellas são dadas no *Guide de l'Amateur de Porcellaines* do dr. Graffe; pouco depois, porém, foi adoptada a verdadeira marca Meissneriana, as duas espadas curtas cruzadas.

Depois da morte de Boettger a manufactura tomou um enorme impulso, devido isto especialmente aos esforços do incomparavel modelador Kaendler. Este com os seus auxiliares crearão o verdadeiro « Vieux Saxe » unico na especie na arte ceramica. Os trabalhos da sua épocha são inextimaveis e innumeros. Kaendler reproduzio em porcellana, tudo quanto Boucher, Lancret, Van Leo, Pater e o genial Antoine Watteau produziam na tela. Nos vasos, jarras e demais objectos de fantasia, os mais bellos quadros destes pintores eram reproduzidos com as mais delicadas côres. Frequentemente se empregava tambem uma unica côr, o conhecido verde-cobre ou uma côr vermelha clara, e quando esta era applicada a technica da pintura imitava perfeitamente a gravura em aço.

Entre os productos mais notaveis da fabrica durante a direcção de Kaendler, citaremos por exemplo: uma moldura de espelho modelada em 1750, guarnecida de figuras, flôres e folhagens que foi offerida a Luiz XV por Augusto III, indo o artista entregal-a pessoalmente na côrte franceza; um grande grupo com um crucifixo que foi offerecido ao papa; quarenta grupos e allegoricos para a imperatriz da Russia e finalmente bustos de imperadores para a côrte de Vienna.

Reproduzimos hoje no nosso quadro os desenhos de alguns vasos e taças oriundos daquella fabrica e as nossas gentis leitoras verão por ellas que não exageramos quando as designamos como verdadeiras obras primas.

Canto de um boudoir em estylo inglez

Olga Julia de Zaluskowski achou um novo meio de profissão rendosa para senhoras — o preparo de moveis padrões e os arranjos e decorações de aposentos, uma occupação que sóe ser especialmente grato ás senhoras que tem gosto artistico. A artista mandar preparar os moveis de accôrdo com os seus desenhos e riscos, de modo que estes já podem ser encontrados promptos ou podem ser fabricados de accordo com o gosto de cada um. A particularidade especial porém, desta senhora e o preparo e a decoração de casas ou de aposentos para as quaes elle não só fornece os moveis como tambem os tapetes, cortinas etc., bem como toda a sorte de *bibelots*, jarras e quadros de accôrdo com o gosto e a harmonia do aposento. Os moveis em geral não são uns pesados mas são caprichosos, delicados e leves e além disso muito praticos e commodos. O nosso quadro representa um canto de um boudoir em estylo inglez preparado por Mlle. de Zaluskowski. Os moveis são preparados de jacaranda. O sophá redondo de canto é forrado de velludo inglez lavrado. No canto ha alem disso um arranjo original de armarios, espelhos e uma prateleira para vasos de flôres. Em tudo se nota o esforço de evitar todo o superfluo que poderia prejudicar o effeito. A harmonia dos coloridos, de uso e da commodidade bem como as formas apropriadas, o material primo, são combinados para produzirem um todo harmonico.

De máo humor

A mãe de Beppo era uma italiana. Um pintor fizera com que ella bem como o seu pae viessem havia alguns annos para Munich, afim de lhe servirem de modelo, ella então era ainda uma creança. E quando ella se desenvolveu e a sua belleza meridional chegou ao seu auge, todos os pintores da cidade lhe pediam para lhes servir de modelo, com o que ella ganhou muito dinheiro. Xavier tambem notára a sua belleza, e pregou uma grande peça a todos os seus collegas, pois conduzio o modelo ao altar, seguindo em seguida para as montanhas afim de ahi tomarem conta de uma pequena hospedaria que pertencera ao pae de Xavier. A principio elles ahi ficaram em paz mas pouco depois os pintores vinham ás duzias afim de pintarem a bella estalajadeira, o que de alguma forma contrariava o marido pois embora a hospedagem dos pintores lhe dava muito dinheiro a ganhar a sua mulher pouco tempo tinha para cuidar da casa, por ter de ficar sentada por horas esquecidas para servir de modelo. Lembrou-se então de approveitar Beppo. Este ainda não sabia andar bem e vivia deitado na areia em frente á casa, tendo sempre um aspecto muito sujo, como se nunca lhe dessem um banho. Um pintor o havia pintado assim e desde então a attenção dos artistas recahira sobre elle. Beppo chegara afinal aos 8 annos de edade e era um menino sadio e forte.

Muitos pintores vinham então á hospedaria por causa delle. Beppo tinha orgulho nisto e enfiava logo o seu traje italiano pondo á cabeça um *sombrero* que mal ainda tinha o feitio de chapéo — mas era assim que os pintores o queriam ver. Uma vez elle se apresentou assim á sua mãe e esta lhe pedio que antes de servir de modelo, lhe fosse buscar um pão á padaria proxima, pois a creada estava muito atarefada na cosinha. Elle a principio recusou-se a fazer allegando que os meninos da rua o apupariam se o vissem em semelhantes trajes, mas afinal cedeu. Vae *Beppino mio* disse-lhe a sua mãe, vae buscar o pão mas não brigues com os outros.

Beppo foi. Quando voltava trazendo o pão no braço, os meninos da visinhança o viram e começaram a perseguil-o, ridicularisando-o.

Beppo sentia contracções nervosas nas mãos e de bom grado teria posto o pão no chão afim de se lançar sobre os seus perseguidores, o que porém não fez em virtude da prohibição expressa de sua mãe. Começou pois a correr em direcção á sua casa, acompanhado de perto por todo o bando de meninos que faziam enorme algazarra ao mesmo tempo que o vaiavam. Pouco antes de chegar á casa um dos seus perseguidores o alcançara e procurara arrancar-lhe o seu manto italiano. Foi então que Beppo se voltou olhando para o seu adversario como se o quizesse fulminar com o olhar e em seguida, recuperando a calma dirigio-se aos seus perseguidores e lhes disse com desprezo: « Esperem, quando o pintor me tiver retratado e eu tiver mudado a minha roupa.. então...E com dignidade elle sumio-se pela porta da cosinha atrás da qual se achava a sua mãe observando o que se passava.

Foi nesta occasião que o nosso artista conseguio retratar o nosso *Beppino*, sem duvida alguma um bom menino pois obedeceu a sua mãe sabendo conter-se na occasião em que outros o insultavam.

Beppino é, na realidade, um bom menino.

Biombo em tres partes com pintura sobre vidro

Este biombo produz um effeito maravilhoso pois a luz do fogão projectando-se sobre o fundo do vidro faz realçar as diversas pinturas do vidro produzindo um bellissimo effeito. No nosso quadro o desenho representa a bella flor — o lyrio que se destaca harmonicamente dos caixilhos em que se acham presos os vidros e os quaes são pintados de azul-saphyra. As flôres tem a côr alaranjada produzindo, com as suas folhagens verdes, um bellissimo contraste com a moldura que as cerca. O quadro tem 110 centimetros de altura, 43 cent. de largura e a moldura tem respectivamente 7 cent. por 4 cent., sendo os vidros presos nos caixilhos por estreita moldura dourada.

A flôr da recordação

De seus loiros cabellos sedosos cahira uma flor; elle quiz apanhal-a, ella, detendo-o disse:

— Deixa, deixa que o vento leve a flôr, toma esta.

E tirando do seio, deitou-me entre o seio de seu bem amado.

— Flor delicada e querida, disse elle por sua vez, sorrindo para mim, quero guardar-te eternamente, flôr idolatrada, flôr de recordação!

E levando-me comsigo deitou-me em um vaso do mais puro crystal; olhava-me sem cessar, e, olhando-me, era ella que elle via.

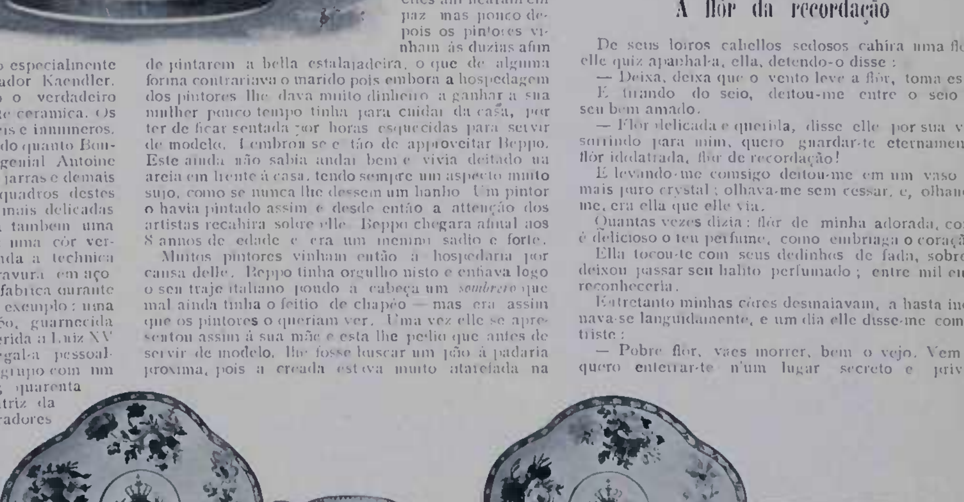
Quantas vezes dizia: flôr de minha adorada, como é delicioso o teu perfume, como embriaga o coração!

Ella tocou-te com seus dedinhos de fada, sobre ti deixou passar seu halito perfumado; entre mil eu te reconheceria.

Entretanto minhas côres desmaiavam, a hasta inclinava-se languidamente, e um dia elle disse-me com ar triste:

— Pobre flor, vaes morrer, bem o vejo. Vem... quero enterrar-te n'um lugar secreto e privilegiado, ficarás como que sepultada ao lado de minha alma.

Collocou-me entre as cartas de sua querida e eu



VIEUX SAXE. VASOS E TAÇAS

sentia-me satisfeita em reponsar naquella athmosphera suave.

Vinha constantemente visitar meu tumulo e, fantasma reconhecido, eu recobrava meus antigos perfumes, apparecia-lhe em todo o esplendor da minha mocidade, e seu amor lhe parecia cada vez mais vivo.

Pouco a pouco, foi espaçando suas visitas.

Ha dias voltou, pegou nas cartas e, sem as ler, queimou-as.

Viu-me e contemplou-me por muito tempo. Que fazes ahi? Parecia perguntar-me.

Segurou-me, e, approximando-se da janella, senti que escorregara por entre seus dedos distrahidos.

O ingrato já não me reconhecia a mim, flor tirada do seio de sua bem amada flôr de recordação!

E o vento espalhou no espaço minhas pobres petalas seccas.

Affonso Karr.

Recordações

Florinda... ha dias dormi em um lugar d'estes que a natureza criou para goso da vida e tranquillidade de espirito!... vou contar-te tudo quanto ali vi e que tanto combina com meu coração e meu genio...

E' um lugar aprasivel; de um lado ergue-se uma alta serra de granito escarpada e nua, do lado cercada de altos sêrros cobertos de matta virgem; ao meio forma uma pequena planicie, do meio da serra cae um despenhadeiro uma corrente d'agua, formando uma linda cascata cujas aguas assemelhão-se a fios de perolas que vêm quebrar-se na raiz da serra formando montes de branca espuma; depois descem em curso pelo meio da planicie entre o verde matiz da relva. Em frente á serra ha uma pequena elevação onde está a choupana do camponez, em volta d'esta humilde habitação ha um lindo laranjal e mais arvores de fructas. Nos fundos da choupana ha uma pequena e viçosa horta; na frente estão as plantações de milho, arroz e feijão que dão o sustento aquella pequena familia. Além ha uma campina onde pasta a criação que o homem da lavoura necessita. Isto tudo tinha um tanto de poetico e um perfume de rosas; o céo limpido e azul ainda mais realce dava ao lugar!.. Foi n'este lugar que em meus olhos brotaram lagrimas de saudade e tristeza, comparando a vida laboriosa que levamos cheia de ambições, desejos e vaidades, pelas necessidades que criamos n'este labyrintho da vida em que somos criados!...

Oh! quem me dera viver como vive aquella pequena familia dona d'aquelle albergue! E' uma vida toda singela no vestir, no alimento, nos desejos, não tem outra aspiração a não ser o seu bem estar e o de seus filhinhos que tanto adoram; e uma vida toda feliz! Levantam-se encaram o céo, porque d'elle vem toda a esperança para o bem das suas roças, depois examinam as suas plantações, depois correm o gado na campina, em seguida preparam-se para a lucta do homem com a terra onde colhe o seu fructo, a mulher nos misteres de casa e as duas pequenas crianças brincando na relva!.. assim passam o dia, a noite, accendem seu fogo, sentam-se perto, o homem pega na sua viola e ella canta sua ballada que soa no serro como hymnos de amor e ventura; depois tomam seu café, vão se deitar sem nada que lhes occupe a memoria nem que lhes pese na consciencia!.. Oh! que vida feliz.. pudesse eu gosal-a. n'ella não ha necessidade de fortuna, luxo, vaidades, não conhecem este grande borborinho das cidades, é tudo desconhecido para elles! ainda bem que é, se conhecessem não viveriam uma vida tão tranquilla no seu albergue; criavam necessidades, ambições, desejos, glorias que é um circulo de ferro em que se vê a vida do homem que o traz em completa meditação e desasocego até a sepultura!

Pudesse eu viver como vos, esquecido de tudo e de todos n'este canto da terra; oh! quanto me seria agradavel, ali e tudo alegre e santo: ao romper da manhã é o gallo que canta a alvorada; mais tarde é o gaturamo, a patativa, o sabia que cantam nas laranjeiras o hymno das selvas! de tempos a tempos soa a pregoeira araponga!... longe e longe ouve-se a meiga juriti em procura do companheiro e nas frondosas arvores gritam as cigarras até acabar a existencia! de outro lado vê-se o boi, animal pachorrento, ao longo da campina; pastam as ovelhas e brincam os corderinhos; da serra ouve-se o murmurio das aguas e o sibillar do vento, formando um côro tão agradavel aos nossos ouvidos que suavisa a alma mais cruel que possa existir!... Oh! recordações deixem cahir minhas lagrimas de saudade e tristeza por me ver longe d'esse ente a quem dediquei a minha amizade, o meu amor, a minha vontade, a minha vida até o ultimo alento a essa alma pura e santa a quem desejava agora abraçar para reverdecer as petalas de minhas saudades emmurchecidas pela ausencia de minha bella Florinda.

L. S.

Os olhos da mulher

(F. Copée)

No fulgar primitivo o Eden fulgia.
Eva de olhos á luz inda cerrados
Fôra creado ha pouco e repousava
Por entre hervas em flor e perto d'ella
Adão adormecido. Ao mal futuro
Que no inferno o Rebelde premedita
Idealmente bella Eva se ostenta.
O seu rosto purissimo escondido
Nos dourados cabellos. Encostada
Mollemente em um braço descobria
Da clara axilla a seductora e fina
Pennugem loura. Do quadril robusto
Ao gracil cotovêllo uma adoravel
Linha de pura ondulação formosa
Descia aos breves pés encantadores.
Ao Creador orgulha a creatura
D'elle o poder tomára o que a materia
Mais primoroso e bello deparara,
P'ra embellezar esse ente que dormia.
Tomára p'ra seu habito a figueira
Brisa que passa pela flôr do prado.
P'ra fazer palpitar seus seios virgens
Do mar tomara o rythmo cantante.
Sonhando ella fallava e esse murmurio
Era brando chilrar de passarinhos.
P'ra seus cabellos de ouro fluido e quente
Do sol tomara o portentoso brilho;
Tomara as rosas para as carnes de Eva.
Eis que ella desperta; eis que das palpebras
O derradeiro sonho ia esvair-se
Qual borboleta aligava, e em seus cillos
Inda fechados já clarões fremiam
Então visivel n'uma sarça ardente
Deus quiz no graça feminil a summa
E tudo reunir n'um só encanto:
Pôz no olhar da mulher o céo infindo.

Guil-Mar.

27 de Novembro de 1897.

Moldes Cortados

63 Camisa-blusa 1$000; 61 Saia do costume alfaiate 1$000. Pelo correio mais 300.

AS MÃES DE FAMILIAS

PILULAS DE NECTANDRA AMARA

RECURSO AO ALCANCE DE TODOS OS DOENTES DO ESTOMAGO E INTESTINOS

São bastante as seguintes importantes communicações do Ex. presidente da Camara Municipal de S. João Marcos, Estado do Rio de Janeiro; do Revm. vigario de S. José do Picú, Estado de Minas, da Exma fazendeira do Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo a do conceituado negociante de Alcobaça, Estado da Bahia, para bem avaliar-se dos grandes beneficios, que já têm prestado a estão destinadas a prestar aos doentes, habitantes fora desta Capital, as **Pilulas de Nectandra Amara** remedio Paulista, que forão propositalmente formuladas com todas as precauções scientificas para se conservarem sempre perfeitas e em caixas fortes para irem pelo **correio** acodir os doentes, onde quer que estejão e queirão usal-as.

S. João Marcos, 15 de Julho de 1897 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Têm sido na verdade tão satisfactorios os resultados obtidos pelo uso das pilulas de Nectandra Amara em nossa casa e na de alguns amigos a quem communiquei-as que, na qualidade de presidente da Camara Municipal, a qual tem a seu cargo a manutenção de uma casa de caridade aqui, pedi ao digno facultativo da mesma que as applicasse aquelles casos em que possão ellas aproveitar. Sou com estima, attento, venerador e criado — *José Paulo Ribeiro da Almeida.*

S. José do Picú, 12 de Fevereiro de 1897 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Rio de Janeiro — Amigo e senhor — Com a devida presteza peço-lhe o especial obsequio de enviar-me 12 caixas de pilulas de Nectandra Amara. Mando 2$000. Reconhecidos por demais são os effeitos do precioso medicamento Nectandra, são dignos de todos os encomios os que tanto cooperárão para o descobrimento de tão precioso antidoto. Subscrevo-me, com muita consideração e estima, de V. S. amigo, obrigado e servo — Padre *Antonio Teixeira da Silva.*

Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda. Cachoeiro do Itapemirim, Estado do Espirito Santo, 4 de Abril de 1897. — Faço esta para pedir-lhe ter a bondade de arranjar doze caixas de pilulas de Nectandra Amara e mandal-as entregar em casa dos meus correspondentes os Srs Cerqueira Souza & C., de quem receberá o importe das mesmas. Tenho empregado as pilulas de Nectandra Amara e sempre com feliz resultado, e com razão póde-se mesmo chamal-o remedio santo; tenho tambem vontade de experimentar o seu elixir e vinho da mesma preparação e assim que puder mandarei vir. Tenho recommendado a todas as pessoas que não deixem de ter em casa tão precioso remedio, e dado a algumas a direcção da sua casa para poderem pedir. Termino, com alta consideração de V. S., admiradora e criada. — *Maria Magdalena de Paz e Penedo.*

Alcobaça, Estado da Bahia, 2 de Abril de 1897. Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Remetto dentro desta 2$000 para V. S. ter a bondade de remetter-me uma caixa com pilulas de Nectandra Amara, pelo que ficarei assaz agradecido; tanto de remetter-me, como pela grande descoberta das afamadas pilulas, que para mim é um dos melhores remedios que tenho applicado em minha familia, de que tenho tirado grande resultado. — Sou com toda estima e consideração, de V. S. amigo, criado e obrigado. — *Manoel Oliveira.*

Mostrão estas communicações a grande efficacia das pilulas de Nectandra Amara, remedio Paulista, para todas as enfermidades do estomago e dos intestinos e a facilidade de obtel-as em qualquer parte que sejão precisas, pois remettendo-se 2$000 para uma caixa, 12$000 para seis, e 20$000 para 12 caixas, ao proprietario, indicando-se-lhe o lugar e o Estado a que pertence, elle remette immediatamente registradas pelo correio as caixas pedidas. Endereço para os pedidos. — *Joaquim Bueno de Miranda* — Rua de S. Pedro n. 74, 1º andar, Rio de Janeiro.

N. B. — As **Pilulas de Nectandra Amara**, remedio Paulista, são formuladas com a mesma dosagem da **Nectandra Amara**, para irem com a presteza possivel pelo correio, para qualquer parte do mundo, supprir a falta e produzir os mesmos effeitos do **Vinho**, do **Elixir** e da **Tintura de Nectandra Amara**, remedio Paulista, que, por serem liquidos, não podem ser transportados por este meio rapido e seguro.

Para o **enjôo de mar**, para **meninos**, para **fraquezas de pernas** e de **convalescentes** de molestias graves e longas, deve-se usar as **pilulas** a tomar e dissolvel-as em um pequeno calice de vinho, superior, do Porto p'ra tomal-as em liquido, que sua acção torna-se mais prompta; assim tambem pódem tomar as pessoas e crianças que não tenhão facilidade de tomar pilulas seccas e neste caso pódem dissolvel-as mesmo em agua pura, não tendo vinho. Os prospectos, que levão em francez, são em tres linguas: **portugueza, ingleza e franceza** para facilitar o seu uso, por nacionaes e estrangeiros.

ENJÔO DE MAR

ADMIRAVEIS RESULTADOS

São constantes as communicações e attestados como os seguintes, que justificam a extraordinaria efficacia da **Nectandra Amara**, remedio Paulista, contra o terrivel **enjôo de mar** e todos os mais **enjôos** e enfermidades do **estomago** e dos **intestinos** tão frequentes durante as viagens, tanto maritimas, como terrestres: assim conhecida a variada applicação, que tem este novo e prodigioso medicamento para tantos casos, tão communs na vida, nenhum viajante, que conhecel-o, encetará sua viagem sem leval-o por prevenção ao menos, para o que possa succeder-lhe.

Em 7 do corrente um negociante de S. Paulo nos escreveu o seguinte: « O meu ex-socio W. a quem recommendei a **Nectandra** para enjôo de mar, conta-me que a sua irmã escreveu-lhe de Londres, maravilhada pelo resultado que obteve a bordo. »

Em 19 de Maio proximo passado o distincto medico Dr. Ernani Pinto sobre as applicações e observações, que fez a bordo do paquete *Orada*, nos escreveu o seguinte: « *Casos de enjôo de mar*, tratados pela tintura de Nectandra Amara, 26, sendo que em 22 o resultado foi completo, observando nos quatro restantes grande melhora; *casos de perturbações gastro-intestinaes*, tratados pela mesma medicação, oito, sendo que destes se faz mister destacar o caso do Sr. senador federal A. A., atacado de violentissimas colicas intestinaes; o caso do Sr. E. C., passageiro de ré, embarcado em Pernambuco, com destino ao Pará, soffrendo de gastralgias intoleraveis que o importunavam já ha um mez antes do embarque, e o caso do Sr. F. P., passageiro de ré tambem, embarcado no Pará, com destino á Manáos e accommettido de colicas e vomitos incoerciveis. Em todos esses casos bem como nos demais cinco restantes, o effeito obtido foi completo e rapido.

Ante estes resultados mais uma vez attesto que para *enjôo de mar e para as perturbações gastro-intestinaes* os preparados de Nectandra Amara são de um emprego facil e seguro. »

Em 9 de Outubro de 1895, o cirurgião do Corpo de Saude da Armada, Dr. Henrique Mangeon, nos escreveu o seguinte: « Attesto que em viagem em navios de guerra tenho tido occasião de empregar a tintura de Nectandra Amara de Autero Leivas contra diversos casos de enjôo, sempre com excellente resultado. O referido é verdade sob a fé do meu grão.

Capital Federal, 9 de Outubro de 1895. — Dr. *Henrique Mangeon.* »

Em 17 de do Agosto de 1895, o Sr. Laucand nos escreveu o seguinte:

Rio de Janeiro, 17 Août 1895 — Monsieur J. B. de Miranda. Conformément à ma promesse, j'ai aujourd'hui le plaisir de vous remettre inclus la lettre de Miss Richardson, la dame, dont je vous avais parlé et qui est si enchantée de l'efficacité de la Nectandra Amara contre le mal de mer, remède qu'elle a essayé, sur les instances de personnes connues et sans aucun espoir d'obtenir un bon résultat, car elle n'avait jamais été soulagée par aucun des remèdes employés contre cette maladie, dont elle souffrait tant chaque fois qu'elle mettait les pieds à bord d'un bateau.

J'ai l'honneur d'être votre serviteur dévoué. — *R. Amilien Laucand.*

Lettra de Miss Richardson:

I have much pleasure in testifying to the merit of Nectandra Amara as a remedy for sea sickness. I used it recently on a voyage, and found it *most* efficacious. — *E. Richardson.*

Rio de Janeiro, 17the August 1895.

Em 15 de Outubro de 1895, o Exm. Dr. Paes Leme nos escreveu o seguinte:

« Rio, 15 de Outubro de 1895. — Amigo Bueno de Miranda — Ha longos annos sempre empreguei os seus preparados de Nectandra Amara em pessoas de minha familia, e com vantagem maior usei delles para os colonos de nossa fazenda de serra abaixo, porém não sabia quanto é efficaz a tintura para o enjôo proveniente dos movimentos bruscos e abalos que soffre o viajante em nossas estradas de ferro. Verifiquei a sua efficacia em um cavalheiro, que da estação da Serraria dirigia-se para Juiz de Fóra, e mais tarde, viajando para Itabira do Campo, tive occasião de observar os mesmos effeitos em pessoas da minha amizade. A Nectandra já está por demais recommendada, mas sinto o maior prazer em confirmar factos que se passaram a minha vista e que concorrerão sem duvida para allivio de muitos. Sempre amigo — *Pedro G. Paes Leme.* »

N. B. — Os preparados da **Nectandra Amara**, remedio Paulista, trazem um prospecto em tres linguas — **portugueza, ingleza e franceza**, — para facilitar o seu uso por nacionaes e estrangeiros.

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias e no **deposito** do fabricante á rua de S. Pedro n. 74, sobrado, Rio de Janeiro, Brazil.